

C O N T O

S O R V E D O U R O

Amaline Issa (In Verde Mórvido, coletânea inédita)

Havia o morro: depois o buraco.

Lembrava do encantamento chegando ao alto, fora caminho cheio de gritos e sustos e vertigens, mas a mão a sustentara, orientara, pôde chegar até lá, depois contou:

— Apesar os galhos, apesar os espinhos, mesmos os bichos que nós inventávamos...

e o riso então e a idéia, tomou de uma pedra,

— Gravar minha passagem

e soletrou o que aprendera, o primeiro ensinamento, e foi raspando as terras da encosta e num traço impreciso desenhou a primeira letra,

— Seu nome, agora você sabe

lembrou a segunda, recomeçou caprichosa, mas foi num turbilhão de pó e muito vácuo que se largou, o corpo volteava sempre mais veloz, mais veloz, e o choque, cada parte aquietou, tentou entender, revelar em torno, tudo novo, e eram tantas as pedras, tantos restos compondo a mancha negra que há pouco olhava do alto, e a lama, tentava livrar-se mas ela lhe cobrira de novo as pernas, os braços, e os cabelos que tombavam mais pesados, grudados, ergueu e vacilou, era um fundo impreciso, atolava, salu dali como pôde e tudo que pensou foi que aquele buraco não devia estar logo ali encostado no alto.

E se propôs; de início quando passava livre, ao acaso, abalxava e o entulhava de um punhado, só um punhado,

— O cultivo de toda vez

estavam lhe ensinando, ela tentava.

Quando foi descobrindo as palavras, contemplava o alto e entendia que todas elas avolumavam em busca daquela superfície, nas encostas as gravaria, decidira assim na primeira impossibilidade, e tantos tinham sido já os punhados e via o buraco tão pouco alterado, a mesma boca, larga, escancarada, e o salto obrigatório no fundo viscoso, mas se habituara àquele ritmo,

— O punhado ocasional

contra o tempo preciso, batendo, batendo, e em cada batida, as palavras novas, as idéias, mais idéias, e certezas, incertezas,

— É mesmo absurdo, brinquedo de infância, só mesmo ao acaso, é o riso que guardo,

só que começava a inventar os melos de competir com o acaso, e por acaso escolhia aquele caminho:

— São mais punhados

e se justificava:

— É mais bonito por estes lados, ou mais rápido, mais sossegado de repente passara a medir aquela voragem com os olhos, olhar rápido, meio de lado, uma contradição entre o que precisava e fazia, a lógica e o necessário se opondo, convivendo nas explicações que se procurava, apenas a necessidade foi avultando e cada pôr de sol teriam sido outros punhados, e cada fala, cada aurora, a chuva era benvinda, escorregava das encostas a lama acizentada, também o vento carregando as folhas, os galhos, a terra árida, ressecada, mas os estios,

— Menos punhados, punhados de menos em horas largas que agora lhe pareciam desperdiçadas,

— O tempo, os registros o corpo se movia lépido, ágil

— Mas a ele tudo se demarcou ia dizendo entre outras falas, e se alertava, perguntavam como, o que, era a Idéla surgindo clara de todas as outras, o cumprimentourgia, tinha de voltar, abandonar os atalhos, que afinal cada coisa resultava em atalho se lhe faltava a coragem do fito: ainda temia o testemunho, só por isso escolhia as horas desertas para seu labor, era como podia, entendia, e conciliava, e esquecia a impostura quando debruçava naquelas bordas e enterrava as mãos, construindo lá embaixo, a cada palmo, o chão de sustento para a sua mensagem, e ia jogando os apanhados, às vezes os tomava macios, molhados, nem lhe ocorria que o corpo tiritava sob tanta água, às vezes queimava a pele no atrito do solo duro, áspero, mas eram punhados, mais punhados, e cavava, cavava:

— Depois a alternativa delineou o tempo cumpria,

— Os outros ou eu mesma conseguiu emergir das leis acatadas, ainda explicou,

— Sugería, queria ajudá-los saiu em seu rumo, era como precisava, e nas primeiras horas se permitiu o apaziguamento da decisão, e a paz, a distensão, só depois recomeçou sistemática: não havia mais porque o empenho desordenado, passou a tentear as partes rachadas, e se as mãos ainda queimavam, usava os achados e se ajudava, aquele fundo vinha chegando, era preciso estar apta, a cada vez chegava mais, mais um pouco, às vezes precipitava as barreiras com qualquer impacto, até com um grito, e lá iam elas, depositadas, trazendo seu chão, os arrimos da mensagem,

— Meu chão! precisava dele para marcar sua passagem, só isto restaria, a marca que se prometia, e o via enfim nivelado aos altos de outrora, conseguira, era um gosto estranho que derramava daquele repouso, que nada diferente lhe ocorreu senão repousar, a etapa cumprida, aprendera naquele empenho a ouvir a harmonia do tempo batendo, sempre igual, sempre igual, a hora adequada, e a deixava chegando, também aprendera a esperá-la, contagem uníssona com sua pulsação,

— Só assim...

quando entendeu que podia, que em torno todos os arranjos se completavam em fundo ideal para seu feito, pô-se à cata da pedra mais limada, o vento esculpindo, ou a chuva, a aragem, achou-a mesmo por perto, estivera ali à espera do uso melhor, tomou-a e se voltou para as encostas, já podia todos os passos, estender-se nas direções, podia todos os passos naqueles caminhos que construía,

— A marca de minha passagem testemunho na advertência ou no apelo, não importava, fora da perenidade que cuidara, começou a primeira letra, repetia-se agora na tentativa de antes, sorria quando terminou a segunda, e procurou fôlego para a terceira,

— A paz que me escapa, na alegria... e foi o rastro que sobrou de sua passagem, que a ninguém ocorreu remover aqueles entulhos divididos num traço fundo, vertical.